

MÉRTOLA NA ANTIGUIDADE TARDIA

Virgílio Lopes* - Santiago Macias**

INTRODUÇÃO

A cidade de *Myrtilis* na Antiguidade Tardia, foi a placa giratória das riquezas comerciais e minerais que atravessavam o território em carroças ou em dorso de animais, para seguir então nos barcos, que desciam com a corrente até ao mar e daí chegavam a inúmeros locais mediterrâneos, constituindo o espaço de civilização a que, por essa via, estes territórios estavam umbilicalmente ligados.

No sentido inverso chegavam mercadorias exóticas, múltiplos artigos provenientes de outras paragens, bem como outras gentes, com as suas linguagens, cultos e culturas.

É certamente num ambiente de instabilidade militar que as autoridades promovem, durante os finais do século III e nas centúrias seguintes, um conjunto de obras com vista à defesa da cidade. Destas obras destacam-se, na parte portuária, a torre do rio e estruturas anexas.¹

Desconhecida até há duas décadas e meia, a topografia de Mértola na Alta Idade Média tem vindo a ser lentamente revelada através de continuados trabalhos arqueológicos (fig. 1). O que de início se resumia a uma colecção epigráfica —de grande interesse documental mas só parcialmente enquadrável no espaço da cidade— alargou-se depois ao conhecimento mais pormenorizado da basílica do Rossio do Carmo, ao estudo de estruturas como a Torre do Rio e, sobretudo, ao desvendar de um complexo palatino com um

baptistério e um conjunto de mosaicos de invulgar qualidade.

É verdade que boa parte do que se conhece continua circunscrito ao domínio religioso (basílica, epigrafia, necrópole, baptistério, etc.) sem grandes prolongamentos para outros aspectos do quotidiano. Quase todos os materiais de que dispomos —cerâmicas, fragmentos arquitectónicos, peças esculpidas ou gravadas— se reportam àquela realidade, sem que tenhamos acesso a qualquer tipo de informação que lance luz sobre as estruturas habitacionais da *Myrtilis* de então nem sobre o tipo de função desempenhado pelas diferentes áreas da cidade.

Ainda assim, a informação disponível permite lançar luz sobre um apreciável conjunto de edificações importantes para a definição da topografia de Mértola na Antiguidade Tardia. É certo que os vestígios mais antigos se reportam à ocupação cristã da importante necrópole romana situada na Achada de S. Sebastião. Se a maioria das três centenas de sepulturas são de tradição romana, pelo menos em dois casos foram detectados objectos cristãos, nomeadamente uma medalha em ouro (fig. 2) e uma lucerna, ambas decoradas com um *crismon* datáveis dos finais do século IV inícios do V.²

A nível da arquitectura cultural, durante o século V procedeu-se à construção ou remodelação do baptistério, da basílica paleocristã do Rossio do Carmo e da possível basílica do sítio da Ermida de S. António, o que deverá corresponder a um forte momento de cristianização da população local.

* Campo Arqueológico de Mértola.

** Câmara Municipal de Mértola.

1. As construções defensivas relacionadas com a zona portuária foram abordadas em LOPES, V.: no prelo.

2. LOPES, V., 1999, p. 89-92.



Figura 1. 1- Necrópole da Achada de S. Sebastião, 2- Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo, 3- Ermida de S. António, 4- Complexo Baptismal, 5- Torre do Rio.



Figura 2

Na zona da antiga acrópole, as construções do *forum* são remodeladas e adaptadas às novas necessidades criadas com a introdução do cristianismo. Na parte Oeste da plataforma remodelou-se um edifício para albergar um rico baptistério. Para além da sumptuosa piscina baptismal, chegaram até aos nossos dias vestígios dos pavimentos adornados com painéis de mosaicos onde não faltava a policromia dada pelas tesselas de vidro.

OS EDIFÍCIOS DA ANTIGUIDADE TARDIA DE MYRTILIS

A basílica do Rossio do Carmo

A basílica do Rossio do Carmo, cuja escavação se iniciou em 1980, constitui um dos raros sítios em Portugal onde foi possível, ainda que com fortes limitações, proceder ao estudo de um local de culto de época cristã com utilização simultânea como espaço funerário (fig. 3). A construção de basílicas sobre espaços funerários está longe de ser inédita, embora quando tal se verifica —na África Latina, por exemplo—, tal ocorre em épocas



Figura 3

recuadas, como na basílica de Skhira, datável do século IV.³

Um conjunto de circunstâncias viria a condicionar a investigação em torno do achado arqueológico: para além da construção da igreja seiscentista da Sra. do Carmo⁴ —adquirida pelo Município ao Estado e substituída logo a seguir

pela actual Escola Primária (construção iniciada em 1915)⁵— a basílica de Mértola sofreu, em época recente e durante décadas a fio, as consequências de sucessivas obras públicas (abertura de novas vias rodoviárias, instalação de redes telefónicas, eléctricas, de infraestruturas de saneamento etc.) levadas a cabo na zona correspondente à basílica e às

3. FENDRI, M., 1961, p. 17.

4. BOIÇA, J., 1998, p. 58-59.

5. O futuro de Mértola, ano 2, n. 88 (8.Outubro.1914) e O futuro de Mértola, ano 3, n. 114 (29.Abril.1915).

necrópoles. Parte substancial da igreja viria, desta forma, a desaparecer, tendo os trabalhos arqueológicos da década passada permitido escavar apenas um pequeno sector da nave central desse local de culto e parte substancial da nave norte. Tais factores limitaram, de forma considerável, um estudo que se desejava bem mais amplo.

A localização dos limites orientais das duas colaterais permitiu-nos, por seu turno, estabelecer uma proposta para o comprimento da basílica. A proposta de reconstituição semi-circular para essa ábside baseia-se nos paralelos existentes com outras igrejas peninsulares e norte-africanas da mesma época.

O espaço interno da basílica

O comprimento total da basílica —com as ábsides incluídas— rondaria os 31,50 m. no extradorso, devendo o interior da igreja medir cerca de 28,80 m. As naves laterais teriam, na sua extensão máxima 23,80 m. A largura total do interior da basílica era de, aproximadamente, 16,00 m (6,00 m para a nave central, 4,40 m para cada uma das laterais e 0,60 m para os dois muretes que delimitavam a nave central). Sendo a espessura de cada uma das estruturas exteriores da basílica de 0,80 m, a largura exterior do templo aproximar-se-ia dos 17,60 m. As medidas apuradas na escavação apresentam uma ligeira discrepância com o mapa de Estácio de Veiga, o qual aponta para uma largura da nave central da ordem dos 6,60 m.

Se o desenho efectuado por este retrata com rigor a situação real, a ábside oeste destacar-se-ia volumetricamente do corpo do edifício. Quanto ao limite oriental, a situação parece-nos mais complexa, sendo impossível dar uma resposta precisa no que se refere ao desenho do edifício.

As dependências junto à ábside tanto podiam estar incluídas na globalidade do edifício e ter perfil quadrangular⁶ como destacar-se volumetricamente e ter um perfil semi-circular.⁷

A ábside Oeste foi referenciada através da identificação de dois pequenos troços do embasamento do muro. A localização dos limites Sul e Este da nave Sul (escavados durante uma das últimas campanhas de trabalho) permitiu-nos, por seu turno, estabelecer uma proposta para o comprimento da basílica.

Os trabalhos efectuados na zona onde se situou o muro Norte do edifício, apesar de bastante revolvida por ocupações posteriores, permitiram identificar o limite setentrional da basílica «em negativo». Uma vala, com uma largura que oscilava entre 1,25 m e 1,45 m e com uma extensão que atingia os 16,45 m, foi utilizada para implantar os alicerces de um muro em alvenaria. Ao longo deste fosso (no fundo e nos lados), e colados à rocha, foram encontrados pequenos fragmentos de um *opus* muito forte que comprovam uma utilização no contexto da construção da basílica.

No lado sul definiu-se um pórtico, cuja largura foi verificada através da descoberta *in situ* de uma base de coluna, peça arquitectónica que o integrava como elemento estrutural.

As escavações arqueológicas determinaram, igualmente, que um dos acessos ao templo era feito pela nave lateral Norte. A entrada por um dos lados da igreja é um procedimento muito comum na Alta Idade Média peninsular. A basílica de Mértola repete, neste pormenor, aquilo que se verifica noutros templos: citem-se os casos de Gerena, Bobalá, El Germeo, Casa Herrera e Torre de Palma⁸.

O acesso à basílica estava marcado de forma evidente. Um maciço - com as medidas externas de 4,70 × 3,00 m —destacava-se do muro Norte do edifício, sendo a entrada feita por uma porta com 1,20 m de vão.

Do ponto de vista arqueológico, determinou-se o extremo sudeste da basílica, através da escavação de parte do muro Sul. Da ábside oeste, integralmente desenhada por Estácio da Veiga, foi apenas possível escavar, como vimos, dois pequenos fragmentos, que se revelaram, ainda assim, suficientes para determinar um dos extremos da basílica.

Embora a ábside este da basílica nunca tenha sido encontrada, a presença de um coro nessa zona não nos deixa dúvidas que ela efectivamente existiu e que o seu altar desempenhou um papel importante no contexto dos actos litúrgicos que tinham lugar na basílica.

Se, como parece provável, o chão da ábside principal estava um pouco acima do pavimento das naves —veja-se o exemplo da basílica de Torre de Palma, onde se regista um desnível entre 0,10 m e 0,15 m⁹ —mais fácil se torna a conclusão que qualquer obra realizada naquela área, e ainda que de pequena dimensão, interferiu necessariamente com

6. DUVAL, N., 1973, p. 164-165 (Sbeitla I); p. 203 (Haïdra II); p. 271 (Henchir Goraat ez-Zid).

7. DUVAL, N., 1973, p. 24 (Rusguniae).

8. FERNANDEZ GOMEZ, F., 1987, p. 187.

9. MALONEY, S., 1995, p. 453.

esta estrutura. Em particular, a abertura do caminho de acesso à ermida terá contribuído para esse processo.

A proposta de reconstituição semi-circular para essa ábside baseia-se, por seu turno, nos paralelos existentes na generalidade das igrejas peninsulares e norte-africanas da mesma época.

Do coro é ainda hoje visível o seu sector norte. Construção aparentemente contemporânea da fundação da própria basílica, destinava-se a albergar uma parte do clero ou os leigos que participavam de forma activa, através da oração ou cânticos, na liturgia.

A parte do coro posta a descoberto pela escavação é constituída, neste caso, por um espaço rectangular, cujas medidas internas rondam os 6,50 m de comprimento por 1,60 m de largura —aproximadamente 10,50 m² de área.

Sobre a importância deste local não temos, hoje, qualquer dúvida, até pelo número de sepulturas que ali se encontrou e que procuravam a protecção garantida pela proximidade do altar. Tratava-se de um local particularmente requerido para as inumações, sendo identificáveis nalguns locais diversos níveis de argamassagem do pavimento, correspondentes a outros tantos enterramentos. Refira-se em particular, uma das sepulturas,¹⁰ que foi aberta (e portanto utilizada) pelo menos quatro vezes.

Os paralelos norte-africanos e peninsulares da basílica de Mértola

A igreja deve ter sido, recordemo-lo, um templo com três naves separadas por colunas, sete tramos e duas ábsides afrontadas cujo extra-dorso se deveria demarcar de forma evidente do corpo da igreja.

A existência de uma dupla ábside em Mértola, cujo corpo oriental nunca pôde ser arqueologicamente verificado, encontra-se aparentemente comprovada do ponto de vista documental desde 1965,¹¹ com base num mapa desenhado por Estácio da Veiga no século XIX. Essa planta mostrava apenas parcialmente as estruturas da basílica postas a descoberto, bem como um apreciável conjunto de sepulturas. Nesse registo, nota-se claramente a presença da ábside poente da basílica. Contraposta a esta deveria haver outra a nascente, que nunca foi encontrada, uma vez que o terreno foi cortado, antes do início da escavação, pelos trabalhos de

abertura do acesso ao hospital. Embora haja, de facto, casos de basílicas com ábside apenas a Oeste - como a de Alexandre, em Tipasa, a basílica I de Haïdra,¹² a de Hergla¹³ ou ainda as de Enchir el Atech e de Khirbet Guidra¹⁴ —tal constitui uma característica específica do Norte de África. Na Península Ibérica, onde a maior parte dos templos tem apenas uma ábside, esta aponta invariavelmente a Oriente.

A igreja paleocristã de Mértola inclui-se, portanto, no grupo das basílicas com duas ábsides contrapostas (o grupo da Península Ibérica de basílicas de ábsides afrontadas resume-se a cinco exemplares, das quais três se situam dentro dos limites da Lusitânia —Casa Herrera,¹⁵ Torre de Palma e Mértola—, localizando-se as restantes duas em El Germo, junto a Córdoba e em Vega del Mar,¹⁶ perto de Málaga), série para a qual se admite geralmente como segura uma paternidade norte-africana. Essa forma, originária da actual Tunísia, teria chegado à Península Ibérica já completamente formada, não vindo depois a evoluir.¹⁷ As evidentes analogias entre as basílicas peninsulares e as norte-africanas obrigaram também à procura doutros paralelos entre várias necrópoles desta última região e os cemitérios alto-medievais da Hispânia, numa tentativa de fornecer um contexto mais alargado para a explicação da necrópole paleocristã de Mértola.

Embora essas origens das basílicas de dupla ábside tenham sido algo desvalorizadas,¹⁸ parece importante retomar uma argumentação que sublinhe os contactos entre as duas margens do Mediterrâneo.¹⁹ A proximidade formal entre os templos hispânicos e os tunisinos, bem como os intensos contactos comerciais e culturais que se verificam ao longo de toda a Alta Idade Média entre essas duas antigas regiões do Império Romano —sustenta-se mesmo que as *aportaciones* africanas reforçaram o monacato espanhol na segunda metade do século VI—,²⁰ justificam que se estude a basílica de Mértola em função desses contactos. Não só parte da antroponímia da necrópole do Rossio do Carmo apresenta importantes paralelismos com a

10. Sepultura sem número (não-escavada).

11. FERREIRA, F., 1965.

12. DUVAL, N., 1975.

13. GHALIA, T., 1998, p. 17.

14. PONSICH, M. 1981, p. 120 (fig. 34).

15. CABALLERO ZOREDA, L., 1975.

16. PEREZ DE BARRADAS, J., 1933; PUERTAS TRICAS, R., 1989.

17. CERRILLO, E., 1978, p. 10.

18. SOTOMAYOR, 1982, p. 11-27.

19. PALOL, P. de, 1972a, p. 178 e 181-182.

20. ORLANDIS, J., 1978, p. 257.

registada em cemitérios norte-africanos, como está comprovada, de forma indubitável, a presença em Mértola de indivíduos e grupos familiares originários dessa região.²¹

As basílicas de ábsides contrapostas existentes na *Mauretania* e na *África Proconsularis* têm, com frequência, uma cronologia mais antiga que as peninsulares —a igreja de Rusguni— teria sido construída nos finais do século IV ou inícios do V, datação próxima da basílica II de Belalis Major—²² embora noutros casos, como em Sbeitla II, se registem datações mais tardias, próximas das que até agora têm sido atribuídas aos templos hispânicos.²³

Observam-se ainda, nas basílicas africanas, diferenças na época de construção das duas ábsides. Na maioria delas —ao contrário do altar-mor, sempre a oriente—, a ábside primitiva estava localizada a oeste tendo, mais tarde, provavelmente em época bizantina (e possivelmente por necessidades litúrgicas) sido acrescentada a ábside este.²⁴ A *ocidentação* das basílicas é um fenómeno *regional* do Norte de África, ainda que menos vulgar na Argélia e mais frequente na Tunísia actuais —embora aqui a norma fosse também a orientação a este, há um certo número de excepções—,²⁵ sendo os exemplos numerosos na Byzacène²⁶ (e ainda que as ábsides a este sejam frequentes desde épocas pré-bizantinas). A *ocidentação* é também apresentada por Ward-Perkins como uma característica das basílicas pré-bizantinas, com a fachada a este e a ábside a oeste,²⁷ citando em particular as igrejas I, III e IV de Sabratha.²⁸

As características arquitectónicas dos edifícios terão, nalguns casos, sido condicionadas pela própria liturgia. Recorde-se, por exemplo, que na Península Ibérica o altar se localizava dentro da ábside leste, ao passo que no Norte de África se situava diante desse local ou mais avançado na nave central.²⁹ No caso dos templos peninsulares, o que está por provar é justamente a função das ábsides afrontadas, que não é adição (como muitas vezes em África), não tem função de culto (não há vestígios

de altar), nem é funerária.³⁰ Ainda assim, são de sublinhar as alterações arquitectónicas levadas a cabo no âmbito das transformações de um cada vez mais elaborado ritual litúrgico.³¹

A datação destes monumentos tem sido alvo de discussão generalizada. A cronologia das basílicas de Torre de Palma e Casa Herrera aponta para os finais do século V ou primeira metade do século VI,³² época de construção próxima da apontada para Mértola. El Germo, monumento mais tardio, não será anterior aos princípios do século VII.³³ Noutros edifícios ainda, como o de Bruñel, apesar da presença de uma estrutura com dupla ábside datada do século IV não há sequer a certeza que tenha sido usado como basílica.³⁴

O próprio enquadramento cronológico da basílica de Mértola tem constituído tema para discussão. A sua datação é condicionada por duas ordens de factores:

— A primeira reside na existência, nesta área, dos vestígios de uma necrópole romana de inumação, cujo tempo de utilização poderá oscilar entre o século I e o início do século V. Este cemitério é, aparentemente, contemporâneo de um outro, situado na Achada de S. Sebastião.³⁵ É bem provável, aliás, que esses dois antigos cemitérios romanos subsistissem ainda como local de enteramento à data em que se verificaram as primeiras inumações cristãs no Rossio do Carmo. Uma datação muito antiga (anterior ao século V) não é, de resto, muito provável na Península Ibérica.

— A segunda tem a ver com a data da mais antiga lápide funerária até hoje recuperada nos terrenos da basílica: trata-se de um epitáfio do ano 462 d. C., do qual se conserva um fragmento no Museu Nacional de Arqueologia.³⁶ O local preciso e a data de recolha desta peça são, infelizmente, desconhecidos.

A escassa probabilidade de se terem registado inumações com registo epigráfico antes da construção naquele local de uma igreja e o facto, arqueologicamente comprovado em Mértola, de todos os enterramentos cristãos respeitarem de forma rigorosa as estruturas arquitectónicas da basílica parece não deixar dúvidas acerca do momento em

21. DIAS, Manuela, 1993, p. 115.

22. DUVAL, N., 1973, p. 23 e 61.

23. DUVAL, N., 1973, p. 171.

24. FENDRI, M., 1961, p. 27 (pl. III, 2 e pl. XI, 2).

25. DUVAL, N., 1982, p. 176; WARD-PERKINS, J. B., 1953, p. 62.

26. FENDRI, M., 1961, p. 18.

27. WARD-PERKINS, J. B., 1953, p. 62.

28. WARD-PERKINS, J. B., 1953, p. 8-9 (fig. 2-3); p. 16 (fig. 6).

29. FERNANDEZ GOMEZ, F., 1987, p. 187.

30. CERRILLO, E., 1978, p. 11.

31. WARD-PERKINS, J. B., 1953, p. 60.

32. CERRILLO, E., 1978, p. 11.

33. ULBERT, T., 1971, p. 170.

34. PALOL, P. de, 1972b, p. 381.

35. LOPES, V., 1993.

36. DIAS, Manuela, 1993, p. 103.

que a basílica foi erigida. Quer isto dizer que a construção desta igreja será um pouco anterior a 462 d. C., situando-se, provavelmente, em volta de meados do século v, cronologia ainda assim mais tardia que as datações normalmente atribuídas aos monumentos norte-africanos do mesmo tipo.

Embora seja possível argumentar que algumas das lápides mais antigas de Mértola possam ser provenientes doutro local que não necessariamente o Rossio do Carmo, não parece provável que tal tenha sucedido. A concentração de materiais paleocristãos registados, desde o século passado, em torno do espaço da basílica invalida, de forma categórica, tal hipótese.

A construção da basílica teve assim, provavelmente, lugar em meados do século v, tendo mantido as suas funções litúrgicas e funerárias até aos inícios do século VIII.

Sublinhe-se finalmente que a constatação de uma cronologia mais antiga na basílica de Mértola que noutros templos peninsulares seria lógica numa época em que se podem documentar os fortes laços económicos que ligavam a Lusitânia e a África Proconsular, contactos que iriam perdurar e ser fortalecidos ao longo do período islâmico.³⁷

O sítio arqueológico da Ermida de Santo António (actual Cine-teatro Marques Duque)

A mais antiga referência histórica a este edifício provém, da obra de Estácio da Veiga intitulada *Memórias das Antiguidades de Mértola* tendo registado o aparecimento de três epitáfios funerários gravados em placas de mármore e seis sepulturas. Para além do aparecimento dos túmulos, assinala: «um tanque com revestimento interno de cimento romano».³⁸

Escavações recentes puseram a descoberto três ocupações distintas: a primeira, constituída pelos restos da edificação da ermida de S. António; a segunda, onde foram detectadas estruturas e níveis habitacionais do período islâmico. Por último, foram identificadas treze sepulturas, das quais onze foram escavadas, revelando práticas funerárias e técnicas construtivas enquadráveis no período que estamos a tratar neste estudo.

Apenas uma das sepulturas (nº 2) possuía ainda restos de cobertura em *opus signinum* do mesmo tipo verificado no Rossio do Carmo.

As sondagens realizadas no Cine-teatro não identificaram restos da construção religiosa que albergasse o conjunto de sepulturas. No entanto, Estácio da Veiga refere-se a muros antigos que bem poderiam ser as estruturas do edifício onde estes túmulos estariam inseridos.

Estácio da Veiga interpretou o tanque como «uma piscina de banho pertencente a um domicílio particular, e anterior, certamente, ao tempo dos enterramentos».³⁹ Pelos materiais provenientes deste local (um fragmento de cancela, decorada com uma sequência vasada de círculos secantes, exposto no Núcleo Paleocristão,⁴⁰ e um capitel de tipo corintizante⁴¹ exposto no Núcleo do Castelo do Museu de Mértola) podemos inferir a existência, neste local, de um templo religioso. Não é muito provável que se trate de uma piscina de um edifício particular, ao contrário da hipótese sustentada por Estácio da Veiga, mas de um possível baptistério, no interior de uma basílica funerária, situação frequente a nível peninsular, como ficou demonstrado por Pedro Palol⁴² e, mais recentemente, por C. Godoy Fernández.⁴³

O espólio arqueológico que poderemos associar aos enterramentos resume-se a três pequenos restos de epitáfios gravados em mármore cinzento, pertencendo dois deles à mesma peça e apresentando como motivo decorativo um arco e uma palmeira (fig. 4).⁴⁴

A nível da datação, os dados disponíveis da escavação realizada são pouco precisos, mas é de supor que se trata de um edifício religioso, possivelmente em culto desde a segunda metade do século v e que funcionou até meados do século VI. As lápides recolhidas por Estácio da Veiga têm como limites cronológicos entre 465 e 556 d. C., o que nos indica a utilização deste espaço funerário durante, pelo menos, 91 anos.

O criptopórtico

A plataforma onde está implantado o complexo baptismal e o pórtico anexo é suportada por uma construção subterrânea designada por criptopórtico-cisterna, identificada no início do século XVI

37. Ver os exemplos dados em EWERT, Ch., 1992: p. 82-95.
38. VEIGA, S., 1880, p. 121.

39. VEIGA, S., 1880, p. 121.

40. LOPES, V., 1993, p. 95.

41. TORRES, C., 1991, p. 39.

42. PALOL, P. de, 1967, p. 6.

43. GODOY FERNANDEZ, C., 1995.

44. Os fragmentos medem 18,7 cm de comprimento, 9,5 cm de largura e 1,5 cm de espessura, (CTMD/2001/sec-tor IV, cont. 104).



Figura 4

por Duarte de Armas, que anotou no seu *Livro das Fortalezas* «aquí esta huã aboboda atopida muyto booa». ⁴⁵

Os trabalhos de escavação revelaram a galeria de um criptopórtico com um papel essencialmente estrutural, de contenção e suporte da plataforma de implantação do *forum*. Assim, no seu lado Norte, para suportar maiores pressões numa amplitude mais vasta, o desnível era compensado por um criptopórtico de 32 m de comprimento, com largura e alturas médias de, respectivamente, 2,70 e 5,80 (cf. *infra*) —fig. 5.⁴⁶ Pensamos, contudo, que esta galeria teve uma tripla funcionalidade: actuar como elemento estruturante de apoio e sustentação de um lote de equipamentos cívicos e religiosos do *forum*, integrar o sistema defensivo⁴⁷

45. BRANCO, M., 1997, p. 6.

46. TORRES, C., 1987, p. 618.

47. A feição assumidamente militar do conjunto *galeria-criptopórtico e muro-exterior* não nos parece suscitar dúvidas. Para isso aponta a sua própria localização, a solidez da

da cidade e servir como local de circulação-reunião e de armazenamento de mercadorias, dadas as temperaturas amenas do interior da galeria durante os meses de Verão.

Mais tarde esta estrutura foi redimensionada, sofrendo um programa de obras que lhe modificou as funções. O pavimento e a parte inferior das paredes (a uma altura de 1,50 a 1,70 m) foram revestidos por uma sólida e impermeável argamassa, tipo *opus signinum*, e as quatro *seteiras* entaipadas com o evidente objectivo de adaptar o espaço a cisterna. Este entaipamento poderá ser enquadrável cronologicamente nos finais do século IV ou inícios do V, em data não muito distante da sua construção.⁴⁸

Analisando os dados construtivos do criptopórtico e da muralha exterior, a realidade conhecida aponta claramente para uma datação tardia de toda a obra: as numerosas reutilizações verificadas, entre os quais se situa a singela peça de cantaria de mármore moldurado que está no interior do criptopórtico (um pouco abaixo do arranque da abóboda), bem como os silhares que formam a parte superior das seteiras onde são visíveis as marcas do *forfex*.

A reutilização de silharia de mármore e granito e vários elementos arquitectónicos dos séculos I-II, levam-nos a enquadrar cronologicamente esta construção possivelmente no século III ou IV. Acresce ainda o facto desta construção recorrer a elementos arquitectónicos reutilizados, o que não nos parece compatível com programas arquitectónicos do período imperial, mas sim, tardo-romano ou paleocristão. A adaptação do criptopórtico de espaço de passagem a cisterna, a espaço fechado, deverá ter ocorrido durante os finais do século IV ou na primeira metade do século V, num período não muito distante do momento da sua construção.

Um paralelo importante para este criptopórtico existe em Almuñecar (Granada)⁴⁹ onde, depois do abandono do *forum*, se ergueu no local um conjunto de casas, mantendo-se hoje o local habitado. A estrutura arquitectónica teria sido edificada na segunda metade do século I, precisamente com as mesmas funções da de Mértola: eliminar o desnível da encosta e criar uma plataforma onde se implantassem as construções forenses. Não teve, contudo, reutilização como cisterna.

construção e ainda as quatro aberturas na muralha que poderão ter funcionado como seteiras, podendo o criptopórtico ser uma espécie de *casamata* no caso da cidade ser sujeita a assédio militar.

48. MACIAS, S., 1996, p. 53.

49. MOLINA FORJADO, F., 1983, p. 237-277.

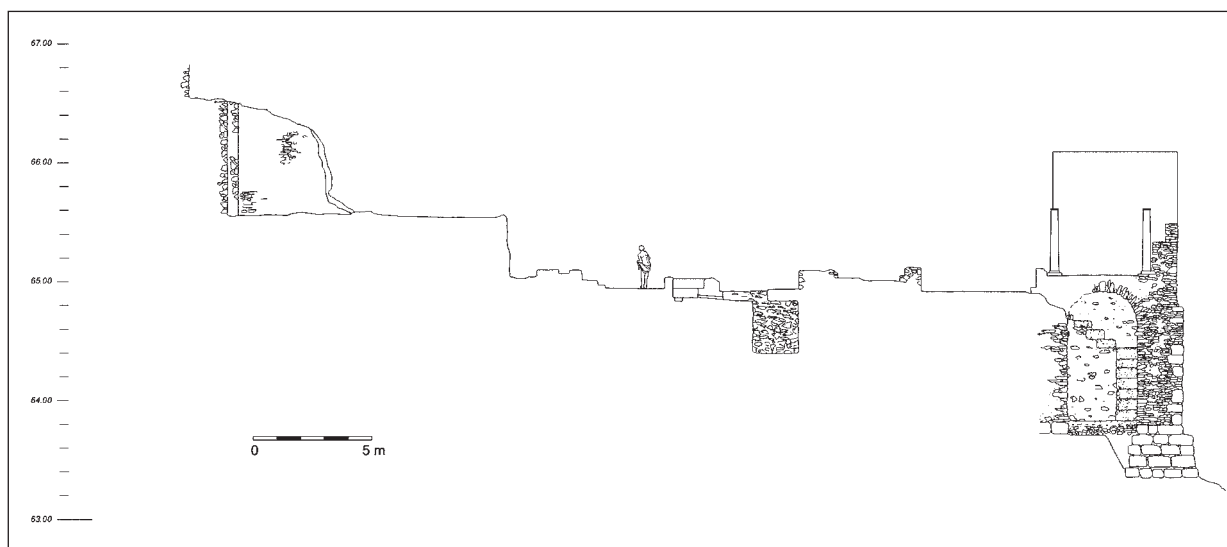


Figura 5

A nível dos paramentos exteriores desta construção, os paralelos mais próximos situam-se nas muralhas baixo imperiais de Lugo. Em torno dos anos 265 e 310 d. C. foi aí levada a cabo a construção de sistemas defensivos. Os paramentos externos são de silharia em lousa ou xisto, sendo também frequentes, paramentos com silhares graníticos e com torres em *opus incertum*.⁵⁰ A nível do interior das estruturas parece que foi utilizada uma solução construtiva semelhante aos casos em estudo de Mértola, em que se reutilizam materiais e se empregam elementos construtivos locais, ligados por uma forte argamassa.

O complexo baptismal

As escavações arqueológicas levadas a cabo na acrópole puseram a descoberto um conjunto baptismal e um pórtico na parte noroeste da plataforma artificial onde se teria localizado o *forum* da cidade de *Myrtilis* (fig. 6). A sul da plataforma situava-se uma basílica civil, possivelmente ligada à actividade do *forum* do período romano.

O edifício baptismal (fig. 7) apresenta uma planta rectangular, possuindo ao centro um tanque de água ladeado por um deambulatório. No centro da construção foi implantado um baptistério de planta octogonal. Do programa arquitectónico fazem parte: uma ábside voltada a poente e em simetria com o baptistério, dois compartimentos laterais locali-

zados a norte do baptistério; no seguimento destes, um pórtico, que foi implantado sobre o criptopórtico. A escavação neste espaço veio a revelar, a nível dos pavimentos, um importante conjunto musivo.

O baptistério está incluído num compartimento de forma rectangular que ocupa a zona poente da plataforma artificial.⁵¹ A piscina baptismal é constituída por um tanque central, com a forma de um octógono irregular, com o interior estruturado por um degrau/assento. A parte exterior do tanque desenha uma estrutura lanceolada que alterna com semi-círculos, formando um conjunto simétrico.

Pelos vestígios detectados observou-se que o tanque envolvente da piscina baptismal estava revestido —tanto ao nível do solo, como dos muros— com placas de mármore. Na parte exterior de revestimento vertical do baptistério existem vestígios de placas de diferentes tonalidades (branco e cinzento), dispostas de forma alternada.

A levante, existe um compartimento de forma ovalada, aberto para a zona do tanque, que está inserido numa forte estrutura de alvenaria de pedra e argamassa, na qual subsistem vestígios de revestimento interior feito com uma placagem de mármore, a nível das paredes e do solo. Este compartimento, que interpretamos como sendo uma estrutura absidal, possui no centro, a nível do solo, e impresso na argamassa, o negativo do que poderá ter sido o assentamento de um pé de altar.

Pelos fragmentos de arquitectura encontrados nas imediações do baptistério não será de excluir

50. VILAS ARIAS, F., 1971, p. 763-768.

51. O edifício que alberga o complexo baptismal possui uma área de 250 m².

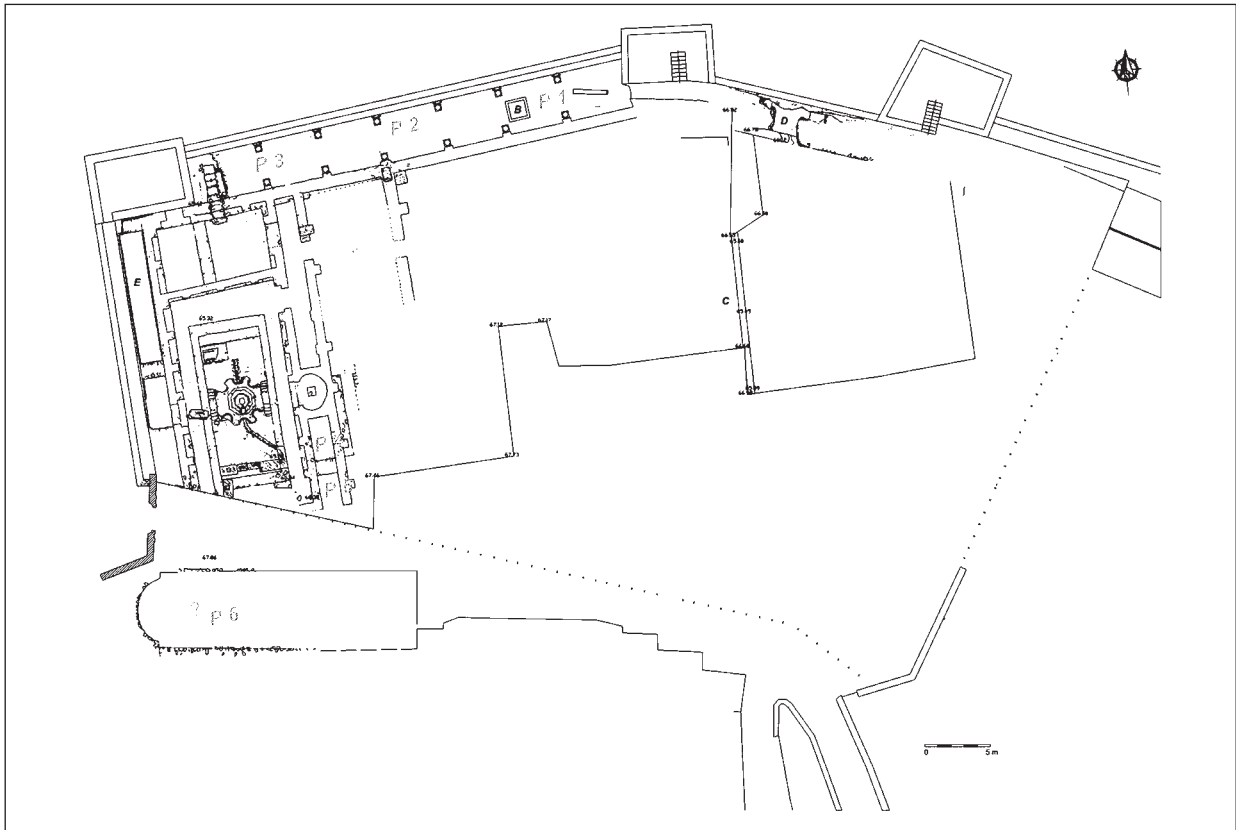


Figura 6



Figura 7

que este baptistério, à semelhança de alguns exemplares conhecidos, tivesse tido a cobri-lo um baldaquino.

Este baptistério possui semelhanças a nível da forma e técnica construtiva com exemplares de Fréjus,⁵² de Lyon,⁵³ Marselha⁵⁴ no Sul de França e de Albenga,⁵⁵ Taggia no Norte de Itália,⁵⁶ de Colónia na Alemanha,⁵⁷ datados da segunda metade do século v. Contudo, é no baptistério de Ljubljana (*Emo-na*, Eslovénia) datado dos inícios do século v, que as semelhanças construtivas são mais notórias, nomeadamente, a nível do interior —forma octogonal— assim a nível exterior, com uma estrutura de pequenos absidiolos no enfiamento dos vértices do octógono.⁵⁸

Os mosaicos do complexo baptismal

O conjunto musivo do *forum*-alcáçova (subjacente aos níveis do bairro islâmico onde se tem concentrado a maior parte dos trabalhos arqueológicos) inscreve-se em três espaços contíguos⁵⁹ e possivelmente interligados (pórtico, deambulatório do baptistério e basílica contígua ao baptistério).

No que se refere ao *opus musivum* que se encontram *in situ*, as tesselas são exclusivamente de calcário, embora, em níveis de remeximento no deambulatório, e na envolvente a sudeste do baptistério, tenham sido recolhidas tesselas de pasta vítrea, mas que estavam soltas, não nos permitindo aferir qual o tipo de composição a que pertenciam.

Mosaicos do pórtico

Sobre o criptóportico destacamos dois pavimentos musivos de trabalho requintado; ambos representam cenas de caça, tendo o primeiro caso uma cena heráldica associada.

O painel da cena de caça é constituído por uma orla de motivos geométricos, florais e um pato, seguido de uma moldura linear (fig. 8).

A composição é encimada pela representação



Figura 8

de uma lebre, da qual se conserva a parte dianteira e do lombo. Um segundo registo é composto pela representação de uma leoa e de uma serpente. Num terceiro é apresentado um veado, ao passo que no último são representados um leopardo e um leão que atacam capríceos. Os espaço envolvente dos animais é preenchido por motivos vegetalistas (ramagens).

Todas as figuras sugerem movimento e estão voltadas para o lado esquerdo, com excepção da leoa e da serpente que estão voltadas para a direita. A composição musiva emprega ramos nos espaços entre os animais representados. Na continuidade deste painel, numa zona de intercolúnios, segue-se a representação de uma cena heráldica com dois leões afrontados e, ao centro, uma árvore da vida (fig. 9). O painel, de fundo branco, é ainda preenchido por ramagens colocadas nos espaços livres da composição. O motivo central do painel é uma árvore. Dois troncos dão origem a

52. GUYON, J., 1991, p. 71.

53. GUYON, J., 1991, p. 78.

54. KHATCHATRIAN, A., 1962, p. 105, fig. 344.

55. PAOLI, M., 1998, p. 6/1-6/2.

56. KHATCHATRIAN, A., *op. cit.*, p. 132, fig. 290 e 333.

57. GAUTHIER, N., 1995, p. 99-128.

58. PLESNICAR-GEÇ, L., 1990, p. 219-226; CAILLET, J. P., 1993, p. 371.

59. Lopes, V., 2003, p. 17-28.



Figura 9

uma ramagem semicircular constituída por dois níveis sobrepostos de oito folhas. A cena apresenta-se sobre um fundo de cubos brancos.

As cenas de caça são um tema relativamente frequente nas representações musivas do mundo clássico. Na Antiguidade Tardia teve, nas igrejas do Próximo Oriente, significativos exemplares.⁶⁰ Os animais aqui representados, bem como a cena heráldica dos leões afrontados, inscrevem-se numa temática que encontra paralelo em mosaicos tunisinos, num pavimento de uma igreja próxima de Hergla.⁶¹

Nas Ilhas Baleares, conhecem-se dois mosaicos, o da Isla del Rey e o da basílica de Es Formás de Torelló⁶² com uma temática semelhante. No caso de Torelló a disposição dos leões é simétrica, tal como no caso estudado de Mértola, estando os animais afrontados a uma palmeira. No caso de

Mértola a árvore possui dois níveis de folhas, que no entanto, apresenta grande similitude com aquela na forma do tronco. Este tema dos leões afron-



Figura 10

60. LOPES, V., 2003, p. 17-28.

61. GHALIA, T., 1998, p. 58; GHALIA, T., 2001, p. 67.

62. PALOL, P de., Iconografía de los mosaicos cristianos de las Islas Baleares, p. 140.



Figura 11

tados é pouco frequente nas representações musicais, sendo datadas dos séculos v e vi.

A sinagoga de Hammat Gader⁶³ apresenta outra variante existente, apresenta leões afrontados no centro de um medalhão. Por seu lado, como nos diz P. Palol, a palmeira, como árvore da vida, possui uma infinidade de representações.⁶⁴ Esta temática tem, na sua origem, uma nítida influência do Próximo Oriente e do Norte de África.

No extremo ocidental do pórtico situa-se uma representação musical que, a avaliar pela parte conservada, representaria outra cena de caça, com um cavaleiro e diversas aves, entre as quais uma avestruz. O mosaico possuía como moldura uma banda onde são visíveis uma flor de lótus, parte de uma ramagem e uma cornucópia. Seguem-se aves viradas para o centro do painel (fig. 10).

As cenas de caça com falcão são bastante raras. Dos exemplares conhecidos o primeiro representa uma caçada à lebre, e mostra-nos o falcão em pleno voo sobre as presas. Provém de Cartago e está datado do século v ou inícios do vi.⁶⁵

No caso da cena de caça de Mértola, também são notórios os paralelos com um mosaico funerário de Crescentinus, proveniente de Tabarka, actualmente no Museu do Bardo (Tunes), datado do século v.⁶⁶

Na Tunísia foi descoberto numa igreja rural si-

tuada nas proximidades de Hergla,⁶⁷ um mosaico que, no *painel G* exhibe uma representação da *Árvore da Vida* e dois leões afrontados, conjuntamente com uma cena de caça em que um cavaleiro segura na mão esquerda um falcão. O conjunto foi datado do século vi.⁶⁸

Na zona do deambulatório das imediações do baptistério situa-se o mosaico com a representação de Belerofonte matando a Quimera (fig. 11). Em território português, até agora, esta cena só era conhecida na cidade romana de Conímbriga,⁶⁹ mas o seu uso é relativamente frequente em vários locais da Espanha,⁷⁰ As datações apontadas oscilam entre o século ii e o século iv.⁷¹ Na Tunísia existe uma representação com a Quimera «educação de Aquiles por Ciron e uma quimera», proveniente da região de Béja, datada dos finais do século v / inícios do século vi.⁷²

Vários são os autores que constatarem que a luta entre Belerofonte e a Quimera que aparece em monumentos cristãos, como diz Bairrão Oleiro, surge com o propósito de que «o tratamento que lhe é dado esteja tão próximo das figurações de S. Jorge e S. Miguel».⁷³

67. GHALIA, T., 2001, p. 67.

68. GHALIA, T., 1998, p. 58.

69. OLEIRO, J., 1992, p. 43.

70. TARACENA, B., 1941, p. 164, fig. 23; BALIL, A., 1958, p. 98-112; BLÁZQUEZ, J. M., 1981, p. 77, lám. 61; ÁLVAREZ MARTINEZ, 1990 (2), p. 98-101.

71. OLEIRO, J., p. 43.

72. YACOB, M., 1995, p. 365, fig. 180.

73. OLEIRO, J., p. 41-44.

63. CAILLET, J. P., 1990, p. 411.

64. PALOL, *op. cit.*, p. 145.

65. YACOB, M., 1970, p. 258, fig. 188.

66. YACOB, M., 1995, p. 373, fig. 190.

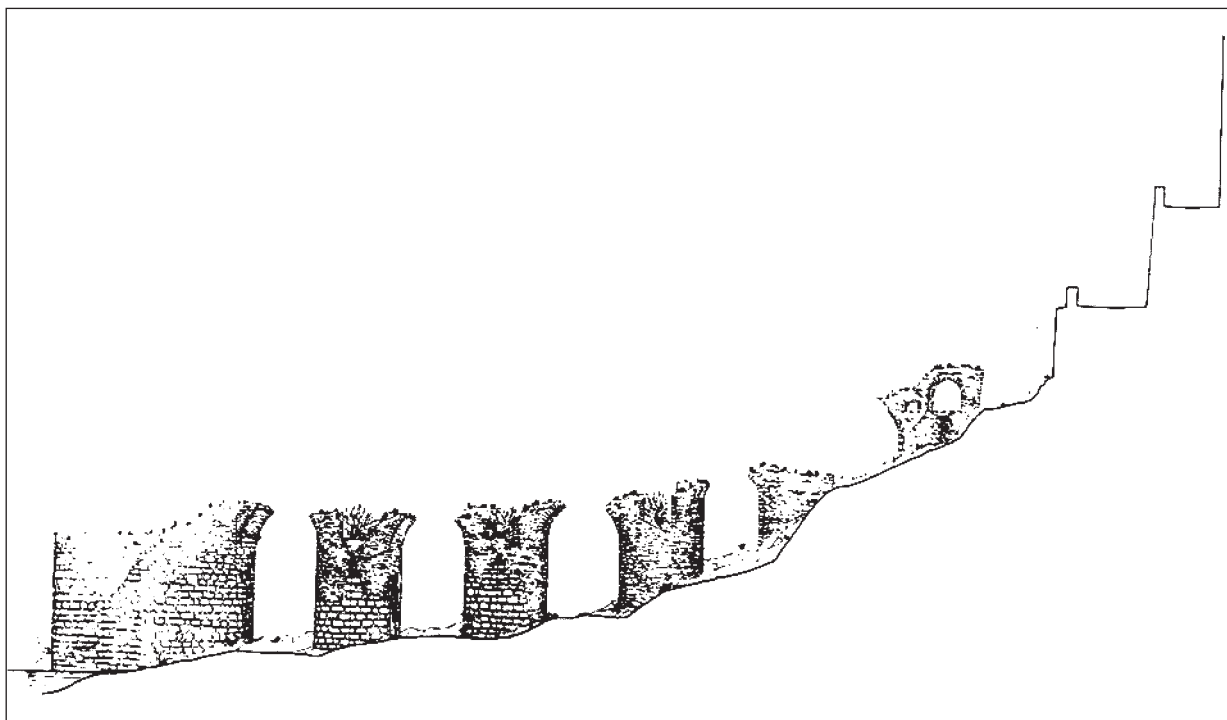


Figura 12

Torre do rio

O monumento é composto por uma torre constituída por seis pilares e outros tantos arcos (dos quais apenas se conserva a zona do arranque) que ligavam os pilares à muralha da cidade na zona da *porta da ribeira* (fig. 12). Esta construção permitia, assim, ligar o espaço intra-muros ao rio Guadiana.

A torre, cuja extensão total ronda os 45 m, tem uma planta semicircular a jusante e em forma de quebra-mar a montante, de modo a poder resistir às cheias do Guadiana. Trata-se, pois, de uma construção que apresenta um elevado grau de solidez. Como pormenores arquitectónicos de relevo destacam-se os dois pilares mais próximos da margem que possuem túneis perpendiculares ao rio, fechados por abóbadas de meio canhão, e o terceiro pilar, que é atravessado apenas a meia largura, terminando de forma ovalada.

No interior das torres o enchimento é feito com *opus c—menticium*, ou seja, é ligado por uma forte argamassa de cal hidráulica misturada com pequenas lajes de xisto local dispostas na horizontal. Em toda a sua estrutura encontram-se silhares e fustes de coluna de mármore e de granito reaproveitados de construções anteriores. No entanto, o pilar mais próximo do rio a nível exterior é integralmente constituído de silharia; os restan-

tes pilares recorrem pontualmente também a silhares, a nível dos arcos e dos quebra-mares, embora a maior parte da construção tenha sido realizada recorrendo a material local. Situação semelhante verifica-se no criptopórtico do *forum*, criando um aparelho misto, revelador da adaptação da técnica romana aos materiais disponíveis no local.

No nível superior dos pilares é perceptível o arranque dos arcos que ligariam todo o conjunto, existindo nos pilares, dois, três, quatro e seis arcos menores, hoje parcialmente destruídos, que teriam como função aliviar a pressão exercida sobre a estrutura, deixando passar parte das águas vindas de montante e diminuindo o impacto da força da corrente. Esta técnica construtiva é adoptada na maior parte das pontes construídas durante o período romano.

Quanto à cronologia da Torre do Rio é apenas possível, de momento, atribuir uma datação relativa. Tendo em conta que do seu interior foi retirada uma inscrição votiva, reaproveitada na construção e datada do século II d.C.,⁷⁴ podemos inferir que a edificação deste elemento arquitectónico se poderá situar por volta dos séculos III ou IV d.C. Em termos construtivos esta torre apresenta so-

74. VALENTE, J. P., 1982.

luções idênticas às utilizadas em Lugo durante os finais do século III e inícios do IV, onde uma parte das estruturas era constituída por silharia reaproveitada, e o restante recorria ao pequeno aparelho de pedra local.

No que concerne à funcionalidade desta estrutura, três hipóteses deverão ser consideradas. Uma das utilizações poderá estar relacionada com a defesa da cidade, de forma a permitir a ligação entre a muralha e o rio, para um melhor aprovisionamento de água, mesmo em situações de assédio militar. Uma segunda, complementar da primeira, relaciona-se com o controlo da zona portuária.⁷⁵ A existência de sistemas de protecção dos portos através de correntes metálicas que, esticadas, na zona da barra e/ou entre as margens, impedia o livre movimento dos navios em certas áreas dos portos fluviais, é uma situação que se adapta perfeitamente ao caso em estudo. Outra hipótese é poder estar relacionada com algum mecanismo de elevação (grua) que pudesse servir para a descarga de barcos, encaminhando os produtos pela parte superior, ganhando assim altura para poder vencer o desnível da zona junto ao rio em relação à cota da muralha.

Não tem confirmação arqueológica a proposta de interpretação sugerida por D. Fernando de Almeida, segundo a qual esta estrutura serviria de suporte para «uma grande nora de madeira incluindo os alcatruzes». Não nos parece que este sistema pudesse funcionar no caso da torre de Mértola. As cheias anuais que atingem e ultrapassam a cota dos pilares destruiriam qualquer sistema de madeira de tipo nora que como refere o autor citado, aqui pudesse ser instalado.

CONCLUSÕES

Os vários edifícios cristãos de Mértola na Antiguidade Tardia levam-nos a pensar na existência de uma população numerosa e permitem supor a presença de um grupo social com uma razoável capacidade de investimento financeiro. Entre os séculos V e VII são vários os exemplos de edifícios construídos, parcialmente melhorados ou profundamente modificados, numa redefinição da topografia urbana traçada, em grande parte, sobre os restos da Myrtilis romana. Espaços mercantis, religiosos, funerários, cortinas defensivas marcam a topografia histórica de um sítio que irá evoluir sem

grandes sobressaltos até à Reconquista cristã.

A variedade e riqueza dos vestígios de edifícios da Antiguidade Tardia aqui descobertos, deve-se ao facto de a actividade portuária não ter perdido o seu fulgor após a desagregação do Império Romano do Ocidente. A esta cidade portuária não só chegavam os mais variados produtos, como, também, gentes pertencentes a diferentes comunidades fossem estas originárias do Mediterrâneo Oriental ou do Norte de África. Estas populações criaram aqui os seus entrepostos comerciais e mandaram construir os edifícios ricamente decorados onde foram baptizados e sepultados.

São esses contactos que justificam na Mértola da Antiguidade Tardia a epigrafia de origem líbia,⁷⁶ os mosaicos de matriz norte-africana ou oriental,⁷⁷ as cerâmicas importadas do Oriente⁷⁸ e do Norte de África —recorde-se que, bem perto de Mértola, no Montinho das Laranjeiras, se importaram, entre os séculos I e VI, *sigillatas* claras provenientes da região de Cartago⁷⁹ e são também esses os motivos que permitem incluir Mértola no vasto mercado do Mar Mediterrâneo.

BIBLIOGRAFIA

- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, 1990 (2): Mosaicos Romanos de Mérida Nuevos Hallazgos, *Monografías Emeritenses*, 4, pp. 98-101, Mérida.
- BALIL, A., 1958: Mosaico de Bellerofonte y la Quimera, de Torre de Bell-Lloch (Gerona), *Archivo Español de Arqueología*, xxxi, 97-98, pp. 98-112.
- BLÁZQUEZ, J. M., 1981: *Mosaicos romanos de Córdoba, Jaén y Málaga*, Madrid.
- BOIÇA, J., 1998: *Imaginária de Mértola - tempos, espaços, representações*, Mértola.
- BRANCO, M. DA S. C., 1997: *Duarte de Armas Livro das Fortalezas*, Edição fac-simile do MS 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.
- CABALLERO ZOREDA, L. (e ULBERT, Th.), 1975: *La basilica paleocristina de Casa Herrera en las cercanias de Merida (Badajoz)*, Madrid.
- CAILLET, Jean-Pierre, 1990: Le prix de la mosaïque de pavement (iv^e-vi^e s.). *VI Colóquio Internacional sobre Mosaico Antigo*, Palencia-Mérida, p. 411.
- CAILLET, Jean-Pierre, 1993: *L'évergétisme monumental chrétien en Italie et à ses marges*, Roma.
- CERRILLO MARTIN DE CACERES, E., 1978: *Las construcciones basilicales de épocas paleocristiana y visigoda en la antigua Lusitania*, Salamanca. [Resumen de la tesis presentada para aspirar al grado de Doctor en Filosofía y Letras].

75. MACIEL, M. J., 1996, p. 325-326.

76. DIAS, Manuela, 1993.

77. LOPES, V., 2003.

78. DELGADO, M., 1992.

79. COUTINHO, H., 1995, p. 508.

- COUTINHO, H., 1995: Sigillata clara do Montinho das Laranjeiras (escavações de 1990), *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*, Lisboa (1992), pp. 507-514, Barcelona.
- DELGADO, M., 1992: Cerâmicas romanas tardias de Mértola originárias do Médio Oriente, *Arqueologia Medieval*, 1, pp. 125-133, Porto.
- DIAS, Manuela, 1993: Epigrafia, *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*, CAM, pp. 103-138, Mértola.
- DUVAL, N., 1973: *Eglises africaines à deux absides*, vol. II Paris. [Inventaire des monuments]
- DUVAL, N., 1975: *Recherches archéologiques à Haïdra. I - Les inscriptions chrétiennes*, Roma.
- DUVAL, N., 1981: *Recherches archéologiques à Haïdra. II - La basilique I dite de Saint Melléus ou de Saint-Cyprien*, Roma.
- EWERT, Ch., 1992: La herencia artística de la España Islámica en el Norte de África, *Al-Andalus - las artes islámicas en España*, pp. 85-95, Madrid.
- FENDRI, M., 1961: *Basiliques chrétiennes de la Skhira*, Paris.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. et al., 1987: La basilica y necropolis paleocristiana de Gerena (Sevilla), *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 29, pp. 103-199, Madrid.
- FERREIRA, F. B., 1965: Uma planta arqueológica do Rossio do Carmo em Mértola, *Revista de Guimarães*, LXXV, pp. 59-72.
- GAUTHIER, N., 1995: Les Premières Cathedrales de Cologne, *Orbis Romanus Christianusque ab Diocletiani aetate usque ad Heraclium*, pp. 99-128, Paris.
- GHALIA, T., 1998: *Hergla et les mosaïques des basiliques chrétiennes de Tunisie*, s. 1., Paris.
- GHALIA, Taher, 2001: La mosaïque byzantine en Tunisie, *Dossiers d'Archéologie*, 268, pp. 67-70.
- GODOY FERNÁNDEZ, C., 1995: *Arqueología y liturgia: Iglesias hispánicas (siglos IV al VIII)*, Barcelona.
- GUYON, J., 1991: Le baptême et ses monuments, *Naissance des Arts Chrétiens*, pp. 70-87, Paris.
- KHATCHATRIAN, A., 1962: *Les baptistères paléochrétiens*, Paris.
- LOPES, V.; SIMPLÍCIO, M.; BARROS, P. (e. p.): O porto de Myrtilis. *IV Jornadas de Arqueologia Subaquática*, Valencia (2003).
- LOPES, V., 1999: A Necrópole da Achada de S. Sebastião, *Museu de Mértola - A Necrópole e Ermida da Achada de S. Sebastião*, CAM, pp. 81-99, Mértola.
- LOPES, V., 1993: Materiais Arqueológicos, *Museu de Mértola - Basílica Paleocristã*, CAM, pp. 67-100, Mértola.
- LOPES, V., 2003: O conjunto musivo de Mértola e o baptistério, *Arqueologia Medieval*, 8, pp. 17-28, Porto.
- MACIAS, S., 1996: *Mértola Islâmica. Estudo histórico-arqueológico do bairro da alcáçova (séculos XII-XIII)*, Mértola.
- MACIEL, M. J., 1996: O livro V do *De Architectura* de Vitruvio, *Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, pp. 325-326, Lisboa.
- MALONEY, S., 1995: The early christian basilica complex of Torre de Palma (Monforte, Alto Alentejo, Portugal), *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*, Lisboa (1992), pp. 449-458, Barcelona.
- MOLINA FORJADO, F., 1983: Arquitectura romana. *Almuñecar: Arqueologia e história*, pp. 237-277, Granada.
- OLEIRO, J. B., 1992: *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal. I - Conimbriga*, Casa dos Repuxos, Lisboa.
- ORLANDIS, J., 1978: El primer renacimiento eclesiástico en la España Visigoda, *Revista Portuguesa de História*, xvi, pp. 253-259, Coimbra.
- PALOL, P. de, 1967: *Arqueologia Cristiana de la España Romana*, Madrid-Valladolid.
- PALOL, P. de, *Iconografía de los mosaicos cristianos de las Islas Baleares*, p. 140.
- PALOL, P. de, 1972a: Los monumentos de Hispania en la arqueología paleocristiana, *Actas del VIII Congreso Internacional de Arqueologia Cristiana*, pp. 167-185, Barcelona.
- PALOL, P. de, 1972b: Excavaciones en la villa romana de Bruñel (Quesada) de la provincia de Jaen, *Actas del VIII Congreso Internacional de Arqueologia Cristiana*, pp. 375-381, Barcelona.
- PAOLI, M. C., 1998: Albenga San Michele Cattedrale, *Archeologia Cristiana in Liguria: VIII Congresso Nazionale di Archeologia Cristiana*, Genova, Sarzana, Finale Figure, Albenga, Ventimiglia, pp. 6/1-6/2.
- PÉREZ DE BARRADAS, J., 1933: Excavaciones en la necropolis visigoda de Vega del Mar (S. Pedro de Alcántara - Málaga), *Memorias de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades*, 128, Madrid.
- PLESNICAR-GEC, L., 1990: Emona nel IV Secolo Problemi di Colegamento con Milano e L'Area Padana, *Atti Del Convegno Milano Capitalae Dell'Impero Romano*, pp. 219-226, Milano.
- PONSICH, M., 1981: *Lixus - le quartier des temples*, Études et travaux de l'archéologie marocaine, vol. IX, Rabat.
- PUERTAS TRICAS, R.; POSAC MON, C., 1989: *La basilica paleocristiana de Vega del Mar*, Málaga.
- SOTOMAYOR, M., 1982: Reflexión histórico-arqueológica sobre el supuesto origen africano del cristianismo hispano. *II Reunió d'Arqueologia Paleocristiana Hispànica*, Montserrat (1978), pp. 11-29, Barcelona.
- TARACENA, B., 1941: *Carta arqueológica de España*, Soria, Madrid.
- TORRES, C.; OLIVEIRA, J. C., 1987: O criptopórtico-cisterna da Alcáçova de Mértola. *II Congreso de Arqueologia Medieval Española*, tomo II, pp. 618-626, Madrid.
- TORRES, C.; SILVA, L., 1989: *Mértola Vila Museu*, Mértola.
- TORRES, C. et al., 1991: *Museu de Mértola Núcleo do Castelo*, Mértola.
- VALENTE, J. P. et al., 1982: Ara votiva de Mértola, *Ficheiro epigráfico*, 1, 3-5, Coimbra.
- VEIGA, S. E., 1880: *Memorias das antiguidades de Mértola*, Lisboa.
- ULBERT, Th., 1971: El Germo - una basílica y un edificio profano de principios del siglo VII, *Boletín de la Real Academia de Córdoba*, 91, pp. 149-186, Córdoba.
- VILAS, F. ARIAS, 1971: Notas sobre el recinto bajo imperial de Lugo, *XII Congreso Nacional de Arqueologia*, pp. 763-768, Jaen.
- WARD-PERKINS, J. B.; GOODCHILD, R. G., 1953: The Christian Antiquities of Tripolitania, *Archaeologia*, xcv, pp. 1-85, London.
- YACOB, M., 1970: *Musée du Bardo. Musée Antique*, Tunis.
- YACOB, M., 1995: *Splendeurs des Mosaïques de Tunisie*, Tunis.